



**casadesarmiento**

centro de estudos do património

# A propósito das estátuas galaicas<sup>1</sup>

Francisco Martins Sarmiento

Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes, Porto, 1896, vol. XV, pág.  
181

Há pouco menos dum ano fiz aquisição duma estátua colossal, encontrada perto do monte de Santo Ovídio (Fafe), onde aparecem vestígios muito claros duma antiga povoação.

É fácil reconhecer nesta figura um sexto exemplar das *estátuas galaicas*, como o sr. dr. Hübner denomina as cinco já conhecidas em Portugal e na Galiza.

Falta-lhe a cabeça, que por uma cavidade quadrangular, aberta entre os ombros, se vê ter sido uma pega separada do tronco. Falta-lhe também a base, em que estas figuras como que sumiam as pernas até o joelho.

O que mais me surpreende no exame que tive todo o vagar de fazer no guerreiro galego foi que a sua armadura podia ser descrita com estas palavras de Estrabão (III, 6): *Ferunt... aspide uti parva*,

---

<sup>1</sup> Este artigo é extraído da *Revista Académica* (n.º 3, págs. 19-21, I ano, Porto, 1879). O número indicado não chegou a ser distribuído, segundo consta, ficando, pois, inédito, o escrito do ilustre arqueólogo vimaranense. Adiante reeditamos uma outra nota do mesmo autor, publicada no *Pantheon* (n.º 24, págs. 382-4, Porto, 1880-81) e bem assim o artigo do sr. Figueiredo da Guerra, inserto no *Pero Gallego* (n.º 15, págs. 3-4, Viana do Castelo, 1882). A modesta distribuição e actual raridade das três publicações referidas e ainda o interesse que o assunto despertou explicam esta deliberação da revista. Ainda há pouco o sr. L. de Vasconcelos se ocupou levemente do mesmo assunto n-O *Archeologo português* (n.º 1, págs. 29-32, II ano, Lisboa, 1896, acompanhando as suas notas com a reprodução de três das cinco ou seis interessantes estátuas conhecidas. (N. da R. da *Rev. de Scien. Nat. e Sociais*).

*cujus diameter duum pedum, cava foras... ad haec sica...* O escudo da estátua de Fafe é uma rodela (*aspis*), de 0,48 de diâmetro<sup>2</sup>, com a parte côncava para fora (*cava foras*) e a arma uma adaga (*sica*).

Tudo isto são coincidências do acaso? Não me parece. Mas Estrabão descreve-nos a armadura dos Lusitanos; e este facto e outros, e a falta de boas razões para distinguir etnograficamente os Lusitanos e os Galegos suscitou-me a ideia de levantar a questão — se a denominação de *estátuas galaicas* necessitaria, ou não duma revisão.

Neste meio tempo agitava-se no *Instituto* uma questão muito mais grave, uma verdadeira questão de vida ou de morte para a celebridade destes velhos monumentos, que iam captando o respeito dos arqueólogos. A estátua ameaçada era a de Viana do Castelo — precisamente aquela, que em virtude da sua inscrição e dos nomes não romanos que continha, apresentava as suas cartas de naturalização de guerreiro galego<sup>3</sup>, de que as estátuas congêneres aproveitavam, e sem a qual ninguém se lembraria de ver nestas figuras outra coisa mais que um aborto de escultura indigno da atenção de ninguém, e muito menos dos investigadores das antiguidades galaico-romanas.

E claro que se a estátua, de Viana fosse exautorada dos títulos

---

<sup>2</sup> Neste ponto a coincidência não é rigorosa os dois pés (gregos) correspondem a 0,60; mas nem os observadores gregos mediam decerto à fita os escudos dos povos que descreviam, nem é possível que todos os escudos dos Lusitanos tivessem exactissimamente o mesmo diâmetro. Objecção mais séria seria a que nos lembrasse a necessidade de fazer uma redução proporcional à diferença que vai da estatura dum homem regular à estatura agigantada das estátuas, visto que se diz serem colossais. Mas, se fazemos a redução de meio por meio, como deve ser, pois que as estátuas têm o dobro dum homem ordinário, os escudos dos galegos teriam então de diâmetro entre 0,24 a 0,30!

Todo o embaraço desaparece, logo que se saiba que nestas grosseiras figuras não há proporções nenhuma. O braço, por exemplo, é extremamente curto, um braço de comprimento regular. Menos difícil que estudar a anatomia do corpo humano e regras da proporção era copiar um escudo do natural, e é isso o que se faz, entendemos nós.

<sup>3</sup> A estátua de Castro de Rubias tinha também uma inscrição com nomes galegos. Era uma segunda testemunha que podia depor neste processo; mas tal testemunha não pode ser inquirida, porque, segundo parece; ninguém sabe ao certo se ainda existe (Hübner, *Not. Arch.*, pág. 108).

que falsamente se arrogara, todas as outras tinham de sofrer o mesmo opróbrio, e claro é também que ficava prejudicada toda a tentativa de discutir a legitimidade da sua denominação, sendo portanto um motivo muito estranho à impertinência de ingerir-me num debate que está entregue e bem entregue aos membros da secção arqueológica do *Instituto*, que me obriga a entrar neste assunto.

As dúvidas contra a antiguidade da estátua de Viana são assim resumidas na acta da sessão de 2 de Maio de 1878 (Secção Arqueológica do *Instituto* de Coimbra):

“O sr. Luís de Figueiredo da Guerra ofereceu o seu livro intitulado — *Viana do Castelo* — e fez algumas considerações acerca duma estátua, de que trata no mesmo livro. Disse que esta estátua, chamada por entendidos arqueólogos *estátua galaica*, parecia não ser, como alguns querem, do século I, mas do XII ou XIII, e fundou a sua opinião nos seguintes pontos: 1.º no escudo, que é dos Rochas, em cujo solar a estátua está: como explicar doutro modo esta coincidência? 2.º na forma do capacete, que é fechado e tem dupla viseira e gola, o que se usou muito posteriormente aos primeiros séculos; 3.º na impossível leitura da inscrição. O elemento bizantino predominou nas escrituras portuguesas do princípio da monarquia, principalmente sob os senhores feudais que tinham peregrinado no Oriente. Uma das letras que se conhecem é um E, que afecta a forma grega. Gabriel Pereira, que visitou a estátua, confessa que “a grande maioria dos caracteres da inscrição desaparecera; todavia Hübner julgou (?) ler o seguinte” (*Universo Ilustrado*, tomo 2.º, n.º x5, pág. 117, onde vem uma inexacta gravura da *pretendida* estátua galaica)” — (*O Instituto*, 2.ª série, vol. XXVI, n.º 3, pág. 141).

Contra a última parte deste extracto cumpre opor o seguinte:

O sr. prof. Hübner recebeu primeiro um calco da inscrição que lhe mandou A. Soromenho. Em seguida Herculano deu-lhe uma cópia em gesso. «Além disso — escreve ele — estudei exactamente o original e tirei um calco, o qual porém, em consequência do estado da pedra, só tem utilidade para verificar a disposição de toda a inscrição e determinar-lhe aproximadamente a época. Com todos estes auxílios, e

em despeito do intento de me não deixar iludir pela primeira cópia, eu li quase inteiramente como Soromenho." (*Not. Arch. de Port.*, pág. 105).

A inscrição foi estampada nas *Inscriptiones Hispaniæ Latinæ*, n.º 2.462, onde se declara que os caracteres são dos fins do 1.º século.

Assim para nós a autenticidade da inscrição da estátua de Viana, e conseqüentemente a sua antiguidade, é, como era, um artigo de fé. Não que acreditemos cegamente na infalibilidade de quem quer que seja: não tardaremos a ver que é opinião nossa que o sr. dr. Hübner se deixou lograr, em parte pela estátua galaica estranhamente mascarada; mas para destruir os resultados do estudo dum dos primeiros epigrafistas da Europa, particularmente familiarizado com a leitura dos monumentos romanos, são necessárias razões sólidas e irrefragáveis<sup>4</sup>, e nós não vemos razões, mas afirmativas mais que indecisas, postas a uma luz falsa.

Longe de nós contestar o valor das comunicações do sr. Figueiredo da Guerra. Na primeira e segunda dúvida revela-se o espírito sagaz que descobriu pela primeira vez o que tem escapado a muito observador, sem exceptuar o sábio arqueólogo de Berlim.

Admitida, porém, a antiguidade da estátua de Viana, e a justeza das observações do distinto académico, o problema a formular, se não erramos, é este: como é que uma estátua galaica nos aparece com um escudo dos Rochas e uma cabeça, cujo capacete pertence à Idade Média?

O enigma, que parece insolúvel à primeira vista, começa a receber certa luz, se lembrarmos algumas particularidades, que continuariam a correr despercebidas sem as comunicações do sr. Figueiredo da Guerra.

Quanto à cabeça da estátua: entre a cabeça das estátuas de Montalegre — (únicas, que eu saiba, que ainda a conservam) e a de

---

<sup>4</sup> É pouco mais ou menos a opinião do sr. dr. Felipe Simões (*O Instituto*, n.º cit., pág. 143).

Viana, há diferenças importantes. Naquelas o rosto fica descoberto; distinguem-se-lhes barbas, olhos e nariz; na de Viana a cara parece uma máscara (Hübner, ob. cit). Notemos agora que a cabeça da estátua de Viana é *separada do tronco*, e que, *ao colocarem-na de novo, ficou mal distinto o torques* (Id. ib.).

Importa pois averiguar se a cabeça da estátua galaica não seria substituída por outra.

Quanto ao escudo: todos os escudos das cinco estátuas conhecidas são lisos, com um botão no centro. O de Viana é uma exceção; tem ornatos diferentes e estes ornatos são símbolos heráldicos dos Rochas.

Importa saber se estes ornatos foram um aditamento.

Se andou aqui a mão dum falsificador de nova espécie, a fraude há-de ser facilmente descoberta.

Ainda que houvesse uma rara perícia em adaptar uma nova cabeça a um velho tronco, do que nos fazem duvidar as palavras já mencionadas acima — *-ao colocarem-na de novo, ficou mal distinta, etc.*, — onde o falsário há-de ser inevitavelmente apanhado em flagrante é no escudo, no qual toda a ornamentação em relevo só podia ser operada à custa da superfície côncava, que ele tinha de alterar e desfigurar.

Podemos afiançar que toda esta fraude está descoberta por um cavalheiro de Viana, o sr. José Caldas, conhecido pela sua ilustrada e severa crítica.

Eis o que nos responde este cavalheiro a quem pedimos o favor de estudar atentamente a estátua do ponto de vista em que nos colocámos.

Quanto à cabeça:

“A cabeça está segura dum espigão de ferro, e nem pertence ao tronco nem com ele se ajusta e identifica.”

Noutra parte: “devendo nós considerar a cabeça e a cobertura, bem como o plinto sobre que assenta o monólito como peças completamente estranhas à idade do tronco, as quais entrariam ali por uma violação qualquer. São obra moderna; não são autênticas e

desafinam da invenção típica do tronco.”

Quanto ao escudo:

“O tronco é muito mais antigo, e, como já fiz ver, monolítico, tendo ajustado ao ventre um escudo elipsóide<sup>5</sup>. Teve o escudo, é verdade, uma faixa armada em santor; e nas extremidades dela estão quatro volumes grosseiros, quase circulares, os quais seriam arruelas, ou besantes, se no primeiro desses disculos (no primeiro da direita), não estivessem as nervuras dum símbolo heráldico, que a arte assina ao apelido Rocha.

“Os três restantes são apenas avolumações graníticas, sem sinais de lavor; havendo uma (a correspondente à parte inferior da faixa ou cotica esquerda) em que é impossível reconhecer a forma escudética de uma vieira. No encruzamento destas faixas está um grande botão<sup>6</sup>, que mede 0,083 de raio por 0,075 de perpendicular, isto é, uma circunferência rectificada de 0,248. Esta desigualdade nos símbolos que, para serem originariamente heráldicos, deveriam de ser iguais e uniformes; o facto de o escudo ser completamente chato<sup>7</sup> e denunciar pelo corte, que fica na parte inferior da elipse, que foi achatado em razão de lhe abrirem a faixa ou aspa que houvesse de representar um certo apelido; tudo junto à circunstância de não precisar a rodela de tão violento sulco para atestar o que era, e ser expediente o triste remédio da *contornação* que todos os artistas ignorantes das leis da boa perspectiva imprimem, como toque, nas peças que podem entre si criar confusões contrárias à estética aos olhos do observador perspicaz; — provam, pelo menos em meu juízo, que a estátua, muito mais antiga que a heráldica, foi brutal e ridiculamente violada por algum fanfarrão.”

Em resumo: a velha estátua galaica de Viana foi transformada num lidador da Idade Média. Para isso bastou ajeitar uma cabeça coberta de capacete fechado de dupla viseira e gola”, que se ajustou ao tronco, como pôde. O pico e o cinzel fez ressaltar no escudo a

---

<sup>5</sup> Outra alteração: todos os outros escudos são circulares.

<sup>6</sup> É o botão primitivo, como o têm todos os escudos.

<sup>7</sup> Pelas razões já previstas atrás.



**casadesarmento**

centro de estudos do património

característica de certo brasão, e o bom do galego entrou no panteão duma família determinada.

O aforismo jurídico: *is est cui interest* acaba o conto. Isto *salvo meliori judicio*.

Não vemos pois que as estátuas galaicas estejam em perigo. Mas esta denominação será rigorosamente justa?

É um ponto que nos reservamos para estudar noutro trabalho.

Guimarães, 1879.